



O MUNDO ARTÍSTICO E CIRCUITO DO *HEAVY METAL* PARAENSE (1993-1996): GANGUES DE RUA, “CARECAS” E HEADBANGERS.

BERNARD ARTHUR SILVA DA SILVA*

1. PROBLEMÁTICA, CONCEITO, RECORTE TEMPORAL E OBJETIVOS: O MUNDO E CIRCUITO METÁLICOS BELENENSES, GANGUES DE RUA E VIOLÊNCIA.

Certos grupos da sociedade paraense tomaram uma atitude conservadora com relação à ascensão do *Rock* e *Heavy Metal* locais mais alguns membros da imprensa local junto a redes de televisão nacionais imbuídos de um caráter provinciano, não apoiador dos desenvolvimentos e estabelecimentos dos mundos *underground* paraense de *Rock* e *Heavy Metal* (WEINSTEIN, 2000:283-284)¹ expressaram-se também dessa forma após o 3º *Rock* 24 Horas. Desorganização relacionada à segurança do evento, uma possível negligência com relação à violência urbana da capital paraense representada pela presença das gangues urbanas por parte das autoridades policiais, falhas entre as pessoas responsáveis por protocolarem documentos e ofícios, que exigiam o policiamento, para o 3º *Rock* 24 Horas, realizado na Praça Kennedy, contribuíram para a mudança de percepção em relação ao *Rock* e *Heavy Metal*. E, o modo de avaliar matérias sobre tais gêneros musicais, em jornais locais também sofreu uma ruptura.

Junto a esse repertório de itens, esteve presente, a descontinuação do ritmo de um grupo de bandas de *Rock*, a ruptura na maneira de encarar o *Rock* na capital paraense, tanto em termos de *shows*, quanto em termos de política cultural realizada pelo Estado ligada ao *Rock* e aos espaços públicos ocupados e usados por ele. Além, de uma possível precipitação na organização e realização do festival, por tê-lo feito em três edições em espaços abertos sem cobrar ingresso. E, o contexto político de Belém, que envolvia o Governo do Estado

* Professor Assistente de História do Brasil da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA). Graduado em História pela Universidade Federal do Pará (UFPA) e Mestre em História Social da Amazônia pela mesma instituição. Esse texto apresenta algumas conclusões sobre o 4º Capítulo da minha Dissertação de Mestrado intitulado “Habitantes de Belém: Violência e Gangues”, defendida no dia 5 de dezembro de 2014. Tal pesquisa foi financiada com bolsa da CAPES.

¹ Segundo Weinstein, o *underground* “em sentido de purgatório, é um termo para bandas e estilos que não são comumente populares, mas que podem ou têm possibilidades de vir a ser. *Underground*, no sentido de inferno, refere-se a uma música que é tão extrema, em termos de sonoridade, de letras, ou ambos, que não atraem a grande audiência. Bandas que tocam *metal underground*, de tipo infernal, não possuem esperança ou desejo (se eles forem conscientes) de ir em direção ao outro lado, ao céu do estrelato *pop*. Como outras formas de artes elitistas, o *metal underground* é apreciado por uma audiência diferenciada”.

protagonizado pelo, então Governador, Jáder Barbalho, filiado ao Partido do Movimento Democrático Brasileiro, são os elementos finais desses itens. Esses são os fatores explicativos das consequências geradas, pelo modo como acabou o 3º *Rock 24 Horas*, presentes nas entrevistas de Beto Fares, Edgar e Edyr Augusto Proença.

O *Heavy Metal*, foi o gênero musical, detentor do maior número de representantes nas três edições do Projeto *Rock Na Praça 24 Horas No Ar*. Na primeira edição, sete bandas. Na segunda edição, oito e, na terceira e última, seis. Totalizando a realização das três edições, vinte e uma bandas de *Heavy Metal* passaram pelos palcos do citado evento, em meio a um conjunto de oitenta e três bandas participantes. Acrescente-se a isso, o fato do *Heavy Metal* local ter estabelecido um circuito em logradouros privados e públicos do centro de Belém, sendo que, nestes últimos, destacaram-se o Teatro Experimental Waldemar Henrique (TEWH) como espaço de shows do gênero musical, permeados de recordes de bilheteria e, a Praça da República transformando-se no principal “ponto de encontro” dos seus adeptos. Presença em programas radiofônicos especializados (Programas *Peso Pesado* e *Balanço do Rock*) e colunas musicais integrantes de cadernos culturais dos jornais paraenses da época (coluna “Dial 97” dos cadernos “Dois (Arte/Espetáculos)” e “Cartaz” do Jornal *O Liberal*, coluna “Música Popular” do caderno “D” do jornal *Diário do Pará* e coluna “ZAP” do Caderno Magazine do jornal *A Província do Pará*) (MACHADO, 2004:219-226; SILVA, 2014:34; SILVA, 2010:631-740).²

Dessa forma, pode-se perguntar: por quê o *Rock*, mais especificamente, o *Heavy Metal* e os *headbangers* paraenses, tiveram seus “mundo artístico”³ (BECKER, 2010:54) e “circuito”⁴ locais (MAGNANI, 2007:21), atrelados a uma “criminalização”, seguida de

² De maneira bem delimitada e clara, prestamos bastante atenção e procuramos notícias do mundo metálico paraense, publicadas pelos jornalistas locais Edyr Augusto Proença, Edgar Augusto Proença e Dom Floriano, respectivamente, membros de *A Província do Pará*, *Diário do Pará* e *O Liberal*. Procedemos dessa forma, em função de todos eles, serem fãs e entusiastas do *Rock*. Logo, notícias sobre esse gênero musical e seus outros subgêneros, como o *Heavy Metal*, em grande parte não passaram despercebidas. Concluímos que, eles não deixariam passar essas informações e, também, poriam seus pontos de vista à respeito do 3º *Rock 24 Horas*.

³ Na percepção de Howard S. Becker, o mundo artístico deve ser entendido, como uma integração de pessoas, que tomam atitudes e, participam de atividades imprescindíveis à geração de obras, consideradas por integrantes desse mundo, serem arte. Um “mundo artístico” composto por “cooperação frequente” e “constante”, “repetitivas relações pessoais”, materializado em uma “rede estabelecida de cadeias cooperativas que ligam os participantes entre si”, sempre se reportando aos “esquemas convencionais incorporados em práticas comuns e nos artefactos de uso mais frequente”

⁴ De acordo com Magnani, o circuito pode ser definido como o “exercício de uma prática ou oferta de determinado serviço por meio de estabelecimentos, equipamentos e espaços que não mantêm entre si uma

“demonização” (VIANNA,1996:182) que, tomou conta de parte da mídia impressa e televisiva, alguns setores conservadores da sociedade, órgãos de segurança pública (estadual) e fração da justiça (estadual) (HERSCHMANN, 2005:93-94,102; SILVA, 2014:266-330), ao longo do pós-3º Rock 24 Horas (1993-1996)?

Essas dúvidas são uma motivação, para buscar entender e investigar as condições, da construção da memória, das lembranças e dos seus significados junto à sociedade paraense, em torno do pós-3º *Rock 24 Horas* e, a reverberação desses aspectos, para o cenário *underground* local de *Heavy Metal*.

2. HABITANTES DE BELÉM: VIOLÊNCIA E GANGUES

Após o 3º *Rock 24 Horas*, a violência das gangues de rua, ganhou um alcance maior, visto o fim de tal evento ter acabado de maneira desastrosa e, por seu ganho de proporção via mídia televisiva e impressa local e nacional (TV Liberal, TV RBA, TV Cultura, TV Globo, Jornal O Liberal, Jornal Diário do Pará) (MACHADO, 2004:132;217).⁵

Esse fim impensado para o Festival *Rock 24 Horas*, ocorrido na Praça Kennedy, acabou ajudando no contato real e próximo, com a violência urbana de Belém, para muitos habitantes que, não tinham, ainda, o conhecimento. Ou, se tinham, era um conhecimento superficial, idealizado.

Os residentes dos bairros centrais da RMB (São Braz e, especialmente, Nazaré, Batista Campos e Campina), pertencentes ao circuito pré-3º *Rock 24 Horas* (1990-1993), ganham destaque nesse caso. Eles tinham acesso às notícias impressas e televisivas sobre as ações das gangues de rua locais, pelos vários bairros e municípios da RMB. Porém, elas eram processadas nos seus planos das idéias, apenas as imaginavam executando suas práticas,

relação de contiguidade espacial, sendo reconhecido em seu conjunto pelos seus usuários habituais. Também designa um uso do espaço e de equipamentos urbanos – possibilitando, por conseguinte, o exercício da sociabilidade por meio de encontros, comunicação, manejo de códigos -, porém de forma mais independente com relação ao espaço, sem se ater à contiguidade, como ocorre na mancha ou no pedaço. Mas tem, igualmente, existência objetiva e observável: pode ser levantado, descrito e localizado.

⁵ Gerson, guitarrista e vocalista da banda local de *Punk Rock* Babylóides e que, participou das duas primeiras edições do Festival *Rock 24 Horas*, assistiu pela TV Cultura na casa de Jaime “Catarro”, vocalista da banda local de *Punk Rock* Delinquentes, a confusão violenta da terceira e última edição do evento. Os integrantes da Morfeus, quando estavam gravando seu primeiro álbum, em São Paulo, assistiram o episódio pela televisão, no Programa Fantástico, da Rede Globo de Televisão.

consideradas por eles mesmos (os residentes desses bairros) “contravenções”, “desobediências” e “desvios” da Lei, pelos jornais e noticiários das TV’s locais.

Já foi mencionado que, as gangues de rua usavam a Praça da República, aos domingos à tarde, para fazerem reuniões. Mas, foi somente com o *Rock 24 Horas* e sua orientação de festival aberto, gratuito e sem intervalos, que surgiu, possivelmente, a oportunidade dessas gangues de rua, oriundas, na sua maioria, de bairros e municípios longes do centro da RMB, se reunirem em maior número.

E, dessa forma, poderem atuar, brigando com membros de gangues rivais, fazendo “arrastões” (roubando em grupo, ao mesmo tempo, as pessoas, em uma determinada ocasião e lugar), pichando o símbolo que as identifica em vários locais da cidade, de preferência os mais altos que podiam dar “visibilidade maior”, “respeito” e “consideração”, para o membro que o fez entre seus pares, além de dar a sensação de “superioridade”, por não ter sido pego pelas autoridades (policiais). Daí, pela primeira vez, os referidos habitantes tiveram um conhecimento mais palpável sobre as gangues de rua, da RMB.

Concentrado nesses detalhes sobre a violência urbana da capital paraense e, ao mesmo tempo, buscando compreender o desenrolar dos acontecimentos do 3º *Rock 24 Horas*, Ismael Machado (2004:225-226) escreveu:

Não se pode ignorar também o fato de que não era só o público roqueiro que estava presente ao local. As gangues de rua estavam infiltradas no meio da multidão. Vale lembrar que, no início dos anos 90, houve o império das gangues em Belém. A socióloga Izabela Jatene, em pesquisa de mestrado para a Universidade Federal do Pará, catalogou 200 gangues no período agindo em Belém. “Isso é um problema social, o retrato do Brasil. Isso acontece todos os dias na periferia da cidade e ninguém dá a menor importância. Os moradores da Cidade Nova e do Benguí, por exemplo, estão acostumados com a violência dessas gangues, mas os jornais não estampam”, analisou na época, Regi, o vocalista do Insolência Pública.

Até aquele instante, a mídia televisiva e imprensa não noticiava com tanta frequência, as ações dessas gangues. No pós-3º *Rock 24 Horas*, ao taxar o *Rock* como ligado à violência, baderna e vandalismo, em meio a essa atitude, as gangues acabaram ganhando notoriedade. Baseado no que Ismael Machado argumenta e, na fala de Regi, vocalista da banda local de *Punk Rock* Insolência Pública, os moradores de bairros periféricos da Região Metropolitana de Belém eram os que estavam mais cientes da existência dessas gangues.

É possível confirmar isso, usando a citada pesquisa pioneira de mestrado de Izabela Jatene de Souza (1997:108-109), sobre as tribos urbanas da capital paraense, iniciada um ano depois do 3º Rock 24 Horas e, finalizada em 1997. As gangues de rua eram oriundas dos seguintes bairros: Águas Lindas, PAAR, Jaderlândia e Coqueiro (compreendiam a área do município de Ananindeua), Curuçambá, Bengui, Guamá, Guanabara, Jurunas, Pedreira, Sacramento, Tapanã, Telégrafo, Terra Firme, Umarizal, Una, Val-De-Cans, Cabanagem, Canudos, Condor, Cremação, Fátima, Marambaia, Marco, Nova Marambaia, Cordeiro de Farias e Carmelândia (abarcavam Belém, a capital do Estado) e Decouville (dizia respeito ao município de Marituba).

Nome da Gangue	Nome da gangue	Nome da gangues
“Agressão”	“Gatos Revoltados”	“Ratos Assassinos”
“Anarquia”	“Geração Violência”	“Roedores”
“Anormal”	“Horror”	“Sádicos”
“Armação”	“Ierarquia”	“São Cristóvão”
“Arruaça”	“Imortais”	“Satânicos do Subúrbio”
“Baixada Maluca”	“Invasão”	“Selvagens”
“Buraco Quente”	“Invasores”	“Sexta Rua”
“Cabanos do Terror”	“Invasores do PAAR”	“Sindicato da Morte”
“Cães de Elite”	“Jovens Nazistas”	“Sindicato da Violência”
“Cara de Pau”	“Ladros de Matinha”	“Sindicato dos Perdidos”
“Comando da Humaita”	“Legião”	“Sindicato dos Assaltantes”
“Comando Geral”	“Máfia da Mata”	“Sociedade”
“Comando Vermelho”	“Máfia da 9 (nove)”	“Somos Doidos”
“Comando Surf”	“Malucos”	“Somos Loucos”
“Consciência Rebelde”	“Malucos da Catorze”	“Temidos da 14 (quatorze)”
“Crianças da Visconde”	“Malucos da Mucajás”	“Terror”
“Dédalo”	“Malucos da Timbó”	“Terror da Tupinambás”
“Demolidores Dark”	“Monarquia”	“Tropa Homicida”
“Demolidores do Elo”	“Nativos da Noite”	“Tropa Suicida”
“Demonismo”	“Nazistas”	“Turma do Morro”
“Demônios Alados”	“Os Cobras”	“Turma do Sujão”
“Demônios da Bacabal”	“Patifaria Infernal”	“Turma da Praça”
“Demônios da Noite”	“Perigosos Marambaia”	“Turma da União”
“Demônios da Matinha”	“Pichadores da Ponte”	“Turma da Noite”
“Elite do PAAR”	“Pichadores Rebeldes”	“Turma da Kafta”
“Errados Para Sempre”	“Pichadores Fanáticos”	“Turma do Barulho”
“Extermínio”	“Pichadores de São Brás”	“Turma dos Pivetes”
“Falange”	“PS Mirim”	“Turma dos Monstros”
“Falange Vermelha”	“Pirata”	“Turma do Barreiro”
“Fugitivos da FEBEM”	“Piratas da Noite”	“Turma da Sete”

“Fúria”	“Pivetes Revoltados”	“Vagabundos da Noite”
“Galera do Atalaia”	“Quick Silver”	“Vamp”
“Galera do Ferro”	“Raticida”	“Vandalismo”
“Galera Cruel”	“Ratos da Vila”	“VAN – A”
“Galera da Vila”	“Ratos da Baixada”	“VAN – B”
“Galera do Boto”	“Ratos do Barulho”	“VAN – C”
“Gangue do Una”	“Ratos do Canal”	“Vândalos Noturnos”
“Garotos da Castelo”	“Ratos Vadios”	“Vândalos da Visconde”
“Garotos Selvagens”	“Ratos Vilões”	“Vírus da Morte”
	“Ratos Inocentes”	“Zorra”

Quadro 1: Listagem dos nomes das “GANGUES” da área urbana, da grande Belém (Belém, Ananindeua e Marituba) Fonte: SOUZA, Izabela Jatene de. Op. Cit., pp. 107-109 (Pesquisa de Campo – 1994/1995).

Segundo Glória Diógenes (1999:172), a “inscrição espacial” é a “marca central na definição e na construção das identidades dos jovens participantes das gangues de periferia”. Ela irá atuar “como o elemento definidor da filiação social do jovem de periferia e, desse modo, vai também possibilitar sua autodefinição”. Então, a idéia que é “perpassada pelos participantes das gangues supõe o poder do grupo em instituir papéis, definir lugares e possibilitar ao indivíduo o seu registro no corpo social”.

Ao partir do Quadro 1, reproduzido aqui a partir da pesquisa de campo de Jatene e que, apresenta a listagem dos nomes das gangues de rua da RMB entre 1994 e 1996, podemos apontar ser o “mundo subterrâneo” da “grande cidade” de Belém, o “território de atuação das gangues” (DIÓGENES, 1999:170).

Nessa “cartografia” da capital paraense mostrada no Quadro 1, as gangues evocam em seus nomes, de acordo com suas maneiras de enxergar suas realidades, “lugares subterrâneos” que os ajudam na “necessidade de aparição pública do grupo” e “seus registros ampliados no cenário na cidade” (DIÓGENES, 1999:170;173). Tais como, bairros (“Demônios da Matinha”, “Perigosos Marambaia”, “Pichadores de São Brás”), ruas (“Comando da Humaitá”, “Crianças da Visconde”, “Garotos da Castelo”, “Malucos da Catorze”, “Malucos da Mucajás”, “Malucos da Timbó”, “Temidos da 14 (quatorze)”, “Terror da Tupinambá”, “Turma da Sete”, “Vândalos da Visconde”), baixadas (“Baixada Maluca”, “Ratos da Baixada”), buracos (“Buraco Quente”), instituições correcionais (“Fugitivos da FEBEM”), pontes (“Pichadores da Ponte”), vilas (“Galera da Vila”, “Ratos da Vila”), canais (“Ratos do Canal”), morros (“Turma do Morro”) e praças (“Turma da Praça”).

A “possibilidade de ter uma ‘filiação’” ao participar de uma gangue de rua da RMB, estava atrelada também, a obtenção de “uma classificação”, mesmo “que ela possa ser recortada pela negatividade”, contravenção, descumprimento da Lei, agressividade, referências animais, ao turno do dia e, até, sobre criaturas infernais (DIÓGENES, 1999:172-173), como podemos ver pelos seguintes nomes: “Agressão”, “Anarquia”, “Anormal”, “Armação”, “Arruaça”, “Cara de Pau”, “Consciência Rebelde”, “Dédalo”, “Demolidores Dark”, “Demolidores do Elo”, “Errados Para Sempre”, “Extermínio”, “Fúria”, “Garotos Selvagens”, “Gatos Revoltados”, “Geração Violência”, “Horror”, “Invasão”, “Invasores”, “Invasores do PAAR”, “Ladrões de Matinha”, “Malucos”, “Nativos da Noite”, “Os Cobras”, “Patifaria Infernal”, “Pichadores Rebeldes”, “Pichadores Fanáticos”, “Pivetes Revoltados”, “Raticida”, “Ratos do Barulho”, “Demônios Alados”, “Satânicos do Subúrbio” e, dentre tantos outros, presentes no Quadro 1.

O “seu potencial de demonstração de força” (“Cabanos do Terror”, “Selvagens”, “Sádicos”) e a “posição que ocupam no mapa do poder do ‘mundo subterrâneo’” (“Comando Geral”, “Elite do PAAR”, “Jerarquia”, “Imortais”, “Máfia da Mata”, “Monarquia”, “Sindicato da Violência” e “Tropa Suicida”), são mais algumas partes importantes das suas “inscrições territoriais” por Belém, distritos e municípios próximos (DIÓGENES, 1999:172-173).

No que tange aos nomes das gangues de rua, terem tido nas suas denominações, os títulos dos bairros da RMB, aos quais os seus membros eram oriundos, isso significou que, “os participantes das gangues” quando oficializavam e manifestavam “sua existência como grupo”, eles estavam também, “projetando para o ‘mundo oficial’ sua condição de ‘moradores subterrâneos’”. Projetavam a “estrutura espacial de divisão entre os territórios de gangues, nos bairros” distantes do centro da cidade de Belém (DIÓGENES, 1999:173).

E, por sinal, o Quadro 1 expõe claramente, conflitos entre gangues do mesmo bairro. Por exemplo, a Matinha (“Demônios da Matinha” versus “Ladrões de Matinha”), que depois ganhou a nomeação de Fátima. Conflitos, expressões da violência que são “formas radicais de enunciações de setores que se mobilizam para afirmarem suas presenças”, tentativas de “demarcarem” seus espaços (DIÓGENES, 1999:169).

Espaços que, dentro de um bairro, eram representados por uma praça, uma esquina de rua, uma quadra de esportes, um poste de luz, uma parada de ônibus e até, um centro

comunitário, podiam contribuir para a “construção da identidade social dos participantes das gangues” e “expressão da existência de todos os que se sentem banidos e exilados, seja das vantagens econômicas, seja dos valores de uma ordem social segmentada e excludente” (DIÓGENES, 1999:169). A Praça da República, no bairro da Campina, no início dos anos 90, durante a vigência do circuito metálico *underground* paraense pré-3º *Rock 24 Horas*, foi um deles. *Headbangers* e membros de gangues de rua vindos de outros bairros transitavam pelo mesmo logradouro. Sendo que, os primeiros tinham uma presença mais forte e em maior quantidade, além de a considerarem o seu mais relevante local de sociabilidade metálica.

Entrar em combate neles e, tê-los noticiados na mídia impressa, radiofônica ou televisiva, era mais um sinônimo de “presença no cenário urbano”, “atrair atenção”, “provocar medo” e “perplexidade dos moradores da cidade” de Belém. É possível afirmar que, a eclosão de confrontos entre gangues rivais e os assaltos em conjunto (“arrastões”), ocorridos na Praça Kennedy, ao ser realizado o 3º *Rock 24 Horas*, nos dias 24 e 25 de abril de 1993, tenham sido, os melhores momentos para publicizarem suas existências para o “mundo oficial” em que residiam uma parte dos habitantes da RMB, representado naquela ocasião pelos já citados bairros centrais (DIÓGENES, 1999:169-170).

As “mobilidades materiais e simbólicas” proporcionada por eles (os espaços) e, que permitiam aos integrantes das gangues “recortarem o corpo social”, eram ainda, “cristalizadas e consolidadas em referentes locais”, como algum banco ou coreto da praça e um dos quatro cantos da quadra de esportes (DIÓGENES, 1999:174).

Por exemplo, de acordo com outras conversas informais com Marcelo “Cara de Águia” e Kleber, outros *headbangers* que vivenciaram tal período, o coreto da Praça da República, próximo ao estacionamento do Teatro da Paz, na Avenida Assis de Vasconcelos esquina com o final da Avenida Governador José Malcher, no bairro da Campina, era uma área em que muitos membros de gangues se reuniam aos domingos à tarde.

Apesar dos *headbangers* se concentrarem nas imediações do TEWH, com reuniões grandes na parte de trás do teatro, na área do monumento construído em homenagem posterior à instalação do regime republicano no Brasil e no Pará, eles passavam muito pela localidade das reuniões das gangues de rua, para descerem a Avenida Governador José Malcher e, se

direcionarem para o depósito Casa Porto, para comprarem bebidas, sendo a cachaça a mais consumida. Segundo os mesmos informantes, não existiram conflitos entre os dois grupos.

Os jornais locais publicaram as impressões desses habitantes, concernentes às situações das gangues de rua e o *Rock* local, no desenrolar dos primeiros dias e meses do pós-3º *Rock* 24 Horas.

Muitos moradores de Belém, durante os meses que se seguiram ao 3º *Rock* 24 Horas, e até alguns dias depois, expressaram sua concepção, sua definição sobre o que aconteceu nesse evento e o entendimento que tinham sobre o *Rock* e, os roqueiros em geral. Fizeram isso através dos jornais locais, sendo O Liberal, o mais utilizado, através da Coluna Sr. Editor.

Rotinização da violência somente em show de *Rock*, falta de sensibilidade auditiva por parte dos roqueiros, desvinculação identitária dos roqueiros em relação ao *Rock*, falta de conhecimento para apreender os significados históricos do *Rock* na sociedade,

No dia 29 de abril de 1993, três dias depois do referido festival, Helena Costa, exprimiu via carta, intitulada “*Rock*” para essa mesma coluna, seus pensamentos sobre o ocorrido, ao dizer que “violência em *show* de *rock* já se tornou rotina”.⁶

Essa rotina se materializou em função do fato de que “certas pessoas não sabem mais ouvir música sem ver sangue escorrendo”. Portanto, essa “morbidez é a maior responsável pelos espetáculos de selvageria em que se transformaram os *shows* de *rock* em todo o mundo”, sendo que Belém, “infelizmente, não ficou de fora da rota da barbárie”.⁷

O desfecho violento do 3º *Rock* 24 Horas foi o maior exemplo disso, ao ser finalizado, precoce e tragicamente, por “pretensos roqueiros, que na realidade não passam de baderneiros, os quais jamais conseguirão entender o significado do *rock* para o nosso tempo”.⁸

Em outra carta enviada ao setor da coluna Sr. Editor, que também podia ser chamada de S.O.S. Cidadão, presente na redação do jornal O Liberal, Reginaldo Carrera, mais um habitante da capital paraense, comunicou sua conclusão sobre o 3º *Rock* 24 Horas, com uma carta denominada “Pancadaria”. Uma semana depois do acontecimento, no dia 2 de maio de 1993, os episódios de violência do festival roqueiro, ecoavam intensamente. Esses ecos

⁶ Jornal O Liberal, 29/04/1993, Caderno Cidade, Coluna Sr. Editor de J. Bosco, p. 4. Belém – PA.

⁷ Idem, p. 4.

⁸ Ibidem.

definiram o evento como a “pancadaria acontecida na madrugada de domingo passado na Praça Kennedy”, “um festival desse tipo”.⁹

E, ainda, esculachando a Secretaria Estadual de Cultura (SECULT) e o Governo do Estado, por “patrocinar pseudofestivais, onde se reúnem baderneiros de todo o tipo, haja vista o que aconteceu no último domingo”, deixando de lado investimentos na “comida, remédios, saneamento básico e educação”. Pontuou também, o fato de que, ingenuamente, “talvez a SECULT tenha acreditado que o *rock* é cultura”, mas como o Rock acabou em enfrentamentos, entendeu-se “ser o roqueiro inconsciente disso”. Acrescentou mais a questão que “agendar um festival que dure 24 horas é convite certo para o consumo desenfreado de bebidas alcoólicas, de drogas, violência”, perpetrados tanto por membros de gangues de rua quanto por roqueiros em geral.¹⁰

Um dia antes, no dia 1 de maio de 1993, outros belenenses já estavam mandando cartas para a citada coluna, falando especificamente, sobre as gangues de rua, sua proliferação, suas ações pela Região Metropolitana de Belém e sobre propostas de contenção delas. Gangues essas, que ganharam uma publicidade ampliada, em função das impreviões violentas, do 3º *Rock* 24 Horas. Solange Bandeira, com uma carta chamada “Gangues”, sintetiza esses assuntos, ao expressar ter sido no dia do evento roqueiro possível “perceber a impotência da polícia”, além de indagar e responder negativamente sobre o “direito a ação criminosa de gangues, turmas, pivetes e pivetões de qualquer condição social”.¹¹

Seu discurso segue escancarando a postura repressiva do Estado frente a essa situação envolvendo tais grupos urbanos, atribuindo às autoridades oficiais as competências de “usar todos os meios legais para combatê-los”. Inclusive, reclamou que elas junto “com a participação de jornalistas, do Poder Judiciário, da OAB e dos Direitos Humanos” deveriam se reunir “com vistas ao presente e ao futuro, aprovarem medidas enérgicas e eficientes em defesa da população”. A autora da carta, prossegue sua tese à respeito do assunto, advogando a idéia delas, as “forças de repressão”, utilizarem naquele momento, “metralhadoras, numa demonstração de que estão dispostos a acabar com os marginais de quaisquer idades e de

⁹ Jornal O Liberal, 2/05/1993, Caderno Cidade, Coluna Sr. Editor de J. Bosco, p. 4. Belém – PA.

¹⁰ Idem, p.4.

¹¹ Jornal O Liberal, 1/05/1993, Caderno Cidade, Coluna Sr. Editor de J. Bosco, p. 4. Belém – PA.

qualquer condição”, para que a população tivesse “certamente mais sossego, além de passar a confiar na polícia”.¹²

E, que, elas tinham que intervir, acima de tudo, nas “pipocas dançantes”, acontecimentos no quais, “os gangueiros se reúnem para combinar ações criminosas, mas também no bate-bola de rua, onde os arruaceiros bêbados e drogados se evidenciam por gritos de guerra”. A referida cidadã culmina sua análise autoritária, explicitando não ser preciso acionar, pedir formalmente, pela interferência policial, podendo “inclusive com a cavalaria, onde visse essas turmas” entrar em ação.¹³

Alguns meses depois, das ações das gangues de rua terem chegado ao conhecimento do restante da sociedade paraense, catapultadas pelos embates do 3º *Rock 24 Horas*, outros moradores de Belém, agora com os seus bairros já identificados, continuavam a mandar suas opiniões e reclamações sobre esses grupos sociais, para o jornal *O Liberal*.

Em uma edição da Coluna S.O.S. Cidadão, do dia 19 de setembro de 1993, denominada “Gangues”, residentes do bairro da Pedreira, falavam de sua situação frente a essas gangues. Percebem-se registros de apreensão e o medo com a instalação do “regime de terror imposto a nós pelas gangues de rua que proliferam na cidade”. E, no bairro onde moram, as gangues do Terror e União destacam-se, “são inimigas e praticamente todas as noites se enfrentam”, moldando o receio de sair de casa, ser vítima desses ataques, estudar e trabalhar à noite amedrontados por assaltos e agressões.¹⁴

Nas cartas escritas pelos moradores belenenses, às Colunas Sr. Editor e S.O.S. Cidadão e, citadas à pouco, são perceptíveis os vários entendimentos e diversas lembranças recentes, sobre o Festival *Rock 24 Horas*, o *Rock*, os roqueiros, as gangues de rua e os procedimentos do Estado em relação à elas.

BAIRRO / GRUPO	BAIRRO / GRUPO	BAIRRO / GRUPO
ANANINDEUA	GUAMÁ	PEDREIRA
“AC”	“Bebê Diabo”	“Falange”
“Anarquia”	“Destruidores”	“Ratos do barulho”
“Anonimato”	“Pivetes da Noite”	“Sultão dos Matos”
“Bando Rebelde”	“Quilk Silver”	“Terror”

¹² Idem, p. 4.

¹³ Ibidem.

¹⁴ *Jornal O Liberal*, 19/09/1993, Caderno Dia-a-Dia, Seção Cidades, Coluna S.O.S. Cidadão de J. Bosco, p. 4. Belém – PA.

“Demonismo”	“Ratos da Feira”	“Turma do Sujão”
“Demônios do Elo”	“Ratos Piratas”	“Turma da União”
“DC”	“Tarados e Malucos”	
“Elite”	“Turma da São Cristóvão”	SACRAMENTA
“Exterminadores do PAAR”	“Turma da União”	“RS”
“Galera do Atalaia”		“Seada”
“G90”	GUANABARA	“Ratos do Porto”
“Grafite”	“Atacantes”	
“Intocáveis”	“Baixada Maluca”	TAPANÃ
“Pânico”	“Grafite”	“Capuz”
“PR”	“Hierarquia”	“Cara de Pau”
“Quik Silver”	“Ratos da Baixada”	“Elite”
“Revoltados”	“Ratos Vadios”	“Monarquia”
“Sádicos”	“Selvagens”	“Organização”
“Sind. Assaltantes da Transcoqueiro”		“Vamp”
“Turma da Cidade Nova 4”	ICOARACY	
“Turma da Tv. WE.30”	“Errados para Sempre”	TELÉGRAFO
“Turma dos Carecas”	“Fúria”	“Anônimos”
“T7”	“Desordem”	“Esqueleto”
“Turma do Local”	“Galera da Bagunça”	“Terror do Barreiro”
“Vandalismo”	“Galera da Sexta Rua”	
“Velha Guarda”	“Quik Silver”	TERRA FIRME
“VR”		“Demonismo”
“VN”	JURUNAS	“DR”
	“Demônios Dark”	“Fugitivos da FEBEM”
“Águas Lindas, PAAR, Jaderlândia, Coqueiro e Curuçambá”	“Demônios da Noite”	“Imortais”
	“Ninho de Cobras”	“Invasores”
	“Patifaria Infernal”	“RC”
BELÉM	“Pivetes Revoltados”	
	“Raticida”	UMARIZAL
BENGUI	“Ratos Piratas”	“Turma da União”
“Armação”	“Satânicos da Subúrbio”	
“Invasão”	“Selva”	UNA
“Invasores”	“Terror da Tupinambás”	“Quik Silver”
“Quik Silver”	“Turma da Santo Antônio”	“Ratos do Barulho”
“Ratos Destruidores”	“Comando Cascola”	“Satânicos”
“TC”		
“Turma do Macaquinho		VAL-DE-CANS

do Bengui”		
“Vandalismo (VAN-B)”		“Comando Vermelho”
CABANAGEM	MARAMBAIA	DECOUVILLE
“Galera do Costa e Silva”	“Cólera”	“Nova União”
“Sideral”	“Demônios da Marinha”	“Turma da Rua São Francisco”
“Turma da Barra”	“Ira”	
“VA”	“PS Mirin”	OUTEIRO
	“Suicidas”	“DS”
CANUDOS	“Turma do Morro”	“Galera da Brasília ou Bragança”
“Sindicato dos Perdidos”	“Turma da 1ª. Rua”	“Império”
“Vírus da Morte”	“Turma da Barra”	“Pivetes Abandonados”
	“VTR”	
CARMELÂNDIA		CORDEIRO DE FARIAS
“Zorra”		“Cães de Elite”
	MARCO	
CENTRO	“Buraco Quente”	MARITUBA
“Nativos ”	“Comando Geral”	“Gangue dos Pivetes”
“Nazistas”	“Dédalo”	“Gatos Revoltados”
“Quik Silver”	“Demônios Dark”	“OB”
“Turma dos Sacoleiros”	“Raticida”	“Turma dos Monstros”
	“Sociedade”	“Turma da Noite”
CONDOR/CREMAÇÃO	“Turma da Marquês”	
“Arruaceiros”		
	NOVA MARAMBAIA	
FÁTIMA	“CP”	
“Demônios da Matinha”	“Monstros Malucos”	
“Malucos da Timbó”	“Turma da Barra”	
“Turma da Noite”	“Turma do Morro”	

Quadro 2: Listagem das “GANGUES” conforme ocorrência nos Distritos Policiais da Área Urbana da Grande Belém (Belém, Ananindeua e Marituba). FONTE: SOUZA, Izabela Jatene de. Op. Cit., pp. 107-109 (DATA – Divisão de Atendimento ao Adolescente - Jan à Dez/1994).

3. URBANIZAÇÃO, SEGREGAÇÃO ESPACIAL E GANGUES DE RUA

Entretanto, antes de irmos aos seus conteúdos, é sensato iluminarmos nossa visão, de novo, agora, sobre a quantidade e nomes das gangues de rua de cada bairro de Belém, Ananindeua, distrito de Icoaraci e o município de Marituba, para enxergarmos a relação *Heavy Metal/headbangers* e violência/gangues de rua, que veio a ganhar destaque com a realização do 3º Rock 24 Horas.

Ao fazermos uma contagem das gangues de rua da Grande Belém, via Quadro 2, percebemos os bairros, distritos e municípios com as maiores concentrações delas. Ananindeua (município da RMB, 28), Jurunas (bairro, 12), Guamá (bairro, 9), Marambaia (bairro, 9), Bengui (bairro, 8), Marco (bairro, 7), Guanabara (bairro, 7), Icoaraci (Distrito de Belém, 6), Pedreira (bairro, 6), Tapanã (bairro, 6) e Terra Firme (bairro, 6), tiveram os maiores números.

Em seguida, vinham Marituba (município, 5), Outeiro (distrito, 4), Cabanagem (bairro, 4), Nova Marambaia (bairro, 4), Val-de-Cans (bairro, 4), bairros do Centro de Belém (Nazaré, Batista Campos, Campina, Cidade Velha, São Braz, 4), Fátima (antigo bairro da Matinha, 3), Sacramento (bairro, 3), Telégrafo (bairro, 3), Una (bairro, 3), Canudos (bairro, 2), Carmelândia (bairro, 1), Condor e Cremação (bairros, 1), Umarizal (bairro, 1) e Cordeiro de Farias (bairro, 1).

É impressionante, o quanto o município de Ananindeua, abrigava até então, o número mais alto de gangues de rua. As áreas do PAAR, Curucambá e Águas Lindas, que a época (início dos anos 90) surgiram como invasões (somente depois, se transformaram em bairros), mostraram-se as mais recorrentes. Jaderlândia também começou enquanto invasão e depois, acabou integrando o bairro de Atalaia. Ele passou a pertencer ao município de Ananindeua. Sua composição girava em torno dos conjuntos Jaderlândia I e II. E, o bairro do Coqueiro pertencia à cidade de Belém.

Jurunas, Guamá, Marambaia e Bengui, são os outros bairros de Belém, detentores das maiores quantidades de gangues de rua.

De acordo com Edmilson Brito Rodrigues (1995:39;145-151;174-179), muitas dessas invasões de Ananindeua (que depois se tornaram bairros) e bairros de Belém apareceram e se consolidaram, na esteira do processo de urbanização “segregador” e “excludente” da RMB, nos anos 80 e 90. Portanto, apesar das de Ananindeua não terem sido localizadas em “baixadas” (áreas alagáveis, abaixo das curvas de nível de altitude igual a 4 metros), elas e os outros bairros de Belém, podiam ser enquadrados “tipologias construtivas urbanas” denominadas “favelas”.

Aqui, afirma Rodrigues (1995:174-179), “favelas” são edificações “representativas no respeitante à organização do espaço-ambiente intra-urbano de Belém”. E, são caracterizadas

por serem “desprovidas de sistema de esgotos pluviais ou sanitários, equipamentos de saúde e educação em condição de prestar serviços com o mínimo padrão de qualidade”, além de não terem “instalações de energia elétrica e água potável até mesmo pelo fato de em geral serem assentamentos totalmente clandestinos”

Já Jurunas, Guamá, Marambaia e Bengui podem ser colocadas, para os anos 90, além de “favelas”, mas situadas em “baixadas”. As áreas de “baixada” apresentavam mais “populações de baixa renda” e com “grandes densidades demográficas”. Jurunas e Guamá, por sua vez, tinham “85% de baixada e densidade demográfica igual a 281 hab./ha” e “58,48% de baixada e densidade demográfica igual a 228 hab./ha”, segundo o censo demográfico do IBGE, de 1991. No caso específico da Marambaia, era um bairro “predominante não alagável mas estão fora da 1ª légua patrimonial” e tinha “densidades demográficas intermediárias”, porém ainda sim, baixada (RODRIGUES, 1995:149-151).

As características dos bairros da RMB (Ananindeua e Belém, no caso), em que se desenvolvem as ações das gangues são citadas aqui, por percebemos ratificando mais uma vez o olhar de Diógenes (1998:225-226) o quanto as “cidades modernas” mostram uma “segregação espacial”, oportunizando “a fome, o desalento e a violência doméstica” adentrarem o “cotidiano da família”. Ela (a família) perde “suas funções” e, tais contornos, “engendram” nos “centros urbanos novas redes de sociabilidade e reconhecimento mútuo”.

O “perigo das ruas” e bairros de Belém e Ananindeua parece ser, “ao contrário do apregoadado”, o “elemento mobilizador da formação de grupos e dos vários enfrentamentos entre eles”. A “apropriação dos equipamentos de uso coletivo” por parte das gangues de rua, nas áreas não centrais da capital paraense, desperta entre seus membros, “um sentimento de posse e poder”, “uma forma de demonstração de força em relação às demais gangues da área” e “reconhecimento público” (DIÓGENES, 1998:226;229-230).

O urbano de Belém e Ananindeua parece “ter sido tomado por essa presença intensiva dos jovens nas ruas, imprimindo uma nova dinâmica de uso e uma forma diferenciada de nomear e zonestar os espaços urbanos”. Ele, na lógica das gangues de rua, era representado por “zonas de perigo, de agito, os points, as bocas de fumo, as tocas, os becos”. A dinâmica de ocupação dos jovens no espaço urbano “exprime outras faces da exclusão social, onde o esquadramento e normalização da cidade são revertidas pelas ‘posses’, demarcadas pelos

vários grupos juvenis”. Conclui-se então, que para os membros das gangues locais, eles terminavam “fazendo da periferia o centro” e, por um ângulo, a “apropriação dos espaços públicos pelas gangues os remete da obscuridade das favelas e do subúrbio para o espaço iluminado e ampliado da esfera pública, bem no centro dos acontecimentos” (DIÓGENES, 1998:230;233).

Na periferia de Belém e Ananindeua, eles podiam ser o que quisessem ser, já que ela (a periferia) “era deles” e, logo a transformavam em seu “centro”. Eles são os “demônios”, “destruidores”, “revoltados”, “satânicos”, “vândalos”, o “comando”, a “elite”, os “ratos”, os “gatos”, as “turmas” e as “galeras”.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sobre a violência durante o intervalo 1993-1996, presente nos grupos urbanos da capital paraense (headbangers, membros de gangues de rua e “carecas”), alerta José Vicente Tavares dos Santos (1999:20), é importante perceber, em meio ao processo de globalização mundial, como “desencadeiam-se processos variados de formação e de consolidação do tecido social, por grupos que organizam conflitivamente seus interesses particulares e se articulam em poliformes contratos de sociabilidade” e, concluimos junto com Gilberto Velho (1996:11), ser a “negociação da realidade, a partir das diferenças, consequência do sistema de interações sociais sempre heterogêneo e com potencial de conflito”.

5. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

I) Fontes Escritas

- Periódicos

Jornal O Liberal, 29/04/1993, Caderno Cidade, Coluna Sr. Editor de J. Bosco, p. 4. Belém – PA.

Jornal O Liberal, 2/05/1993, Caderno Cidade, Coluna Sr. Editor de J. Bosco, p. 4. Belém – PA.

Jornal O Liberal, 1/05/1993, Caderno Cidade, Coluna Sr. Editor de J. Bosco, p. 4. Belém – PA.

Jornal O Liberal, 19/09/1993, Caderno Dia-a-Dia, Seção Cidades, Coluna S.O.S. Cidadão de J. Bosco, p. 4. Belém – PA.

II) Referências

BECKER, Howard Saul. **Mundos Da Arte**. Lisboa: Livros Horizonte, 2010.

DIÓGENES, Glória. DIÓGENES, Glória. **Cartografias Da Cultura e Da Violência**: Gangues, Galeras e O Movimento Hip-Hop. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza. 1998. Tese de Doutorado (Sociologia).

DIÓGENES, Glória. Grupos Identitários e Fragmentação Social: A Violência Como “Marca”. In: _____. SANTOS, José Vicente Tavares dos. **Violências No Tempo Da Globalização**. São Paulo: Hucitec, 1999.

MACHADO, Ismael. **Decibéis Sob Mangueiras**: Belém No Cenário Rock Brasil Dos Anos 80. Pará: Editora Grafinorte, 2004.

MAGNANI, José Guilherme Cantor; SOUZA, Bruna Mantese de. **Jovens Na Metrópole**: Etnografias De Circuitos De Lazer, Encontro e Sociabilidade. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 1ª Ed., 2007.

RODRIGUES, Edmilson Brito. **Espaço-Ambiente Intra-Urbano De Belém e Qualidade De Vida Dos Trabalhadores**. Universidade Federal do Pará. Belém. 1995. Dissertação de Mestrado Em Planejamento Do Desenvolvimento Do Núcleo De Altos Estudos Amazônicos (Planejamento Do Desenvolvimento).

SOUZA, Izabela Jatene de. **“Tribos Urbanas” Em Belém**: Drag Queens – Rainhas Ou Dragões? Dissertação de Mestrado (Antropologia Social). Universidade Federal do Pará. Belém, 1997.

VELHO, Gilberto. Violência, Reciprocidade e Desigualdade: Uma Perspectiva Antropológica. In: _____. ALVITO, Marcos; VELHO, Gilberto (Orgs.). **Cidadania e Violência**. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 1996.

VIANNA, Hermano. O Funk Como Símbolo Da Violência Carioca. In: _____. ALVITO, Marcos; VELHO, Gilberto (Orgs.). **Cidadania e Violência**. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 1996.

WEINSTEIN, Deena. **Heavy Metal**: The Music And Its Culture. New York: Da Capo Press, 2000.

